

— Vou-me suicidar.

— Vais-te suicidar!?

— Não, não é nada trágico. Vou-me suicidar de uma forma agradável — respondeu.

— E há formas de suicídio agradáveis?

— Talvez. Qualquer coisa desagradável se pode fazer de uma forma agradável — arguiu —, mas não aceito a ideia de que um acto agradável se possa tornar desagradável em dado momento. Adoro o mar, e sempre que me banho nele queria ficar na água mais tempo: ficar nela até morrer. É o que vou fazer: deixar-me morrer no leite da água. Numa bela manhã, entrarei no mar à hora da aurora, como noutro dia qualquer, e sentirei a efervescência da água na pele. Não, não seria um suicídio trágico como o de Alfonsina Storni em Mar del Plata, nem patético como o de Virginia Woolf em não sei que rio da Inglaterra. Continuarei a nadar até ao meio-dia, até ao fim da tarde. Sobrevirá depois o crepúsculo e a noite, e tornarão a aurora e a manhã seguintes, e o meio-dia e o crepúsculo e a noite e a aurora subsequente. E hei-de sentir as mudanças de temperatura e hei-de ver as cores da água, hei-de conviver com as algas, com a espuma, com o orvalho, até ao fim, quando, desmaiada, indefesa, me dissolver na água como um torrão de açúcar, ou ficar alagada como uma esponja. Então a minha alma, vagando brandamente, procurará um novo corpo para viver. Encontrá-lo-á numa criança ou num animal recém-nascido, ou aproveitará o desmaio de

um ser para entrar pelos interstícios que no corpo deixa a perda dos sentidos. Deixar-me-ei morrer de uma forma agradável. E depois virá a parte mais divertida: outra vida. Compreendes?

— Compreendo — murmurei. — Mas acho que ninguém é capaz de fazer semelhante coisa. Estás farta da vida?

— Tenho tudo o que uma pessoa pode pedir no mundo, até um bocadinho de praia, que é meu.

— Ninguém é capaz de se deixar morrer assim na água — protestei.

— Eu sou — disse ela.

Ri. Sem me fazer caso, prosseguiu:

— Poderias ficar com o Keif? É a única coisa que me preocupa: abandonar o Keif neste mundo parece-me um acto cobarde. Deixar-te-ia dinheiro para a comida. Faria um testamento. Talvez te deixasse tudo o que tenho.

Pensei: «Estou a receber uma herança? Jamais imaginaria uma situação tão estranha.»

— Aceitas? — disse-me Fedora, acendendo um cigarro.

— Deixo-te todos os meus pertences e nem sequer te peço que te vistas de luto. Aceitas? — repetiu.

— Se isso te deixa contente — disse-lhe, sentindo-me culpada.

Acaso era aquilo uma piada? Aceitando a sua proposta, instigava-a a cometer suicídio? Deixei-me cair de joelhos em cima da esteira, ao seu lado.